

Do *ethos* à “revistação”: trajetos de uma pesquisa em desenvolvimento¹

From *ethos* to “magazine’s process”: routes of a research in progress

Frederico de Mello Brandão Tavares²

Resumo

Buscando contribuir com outras pesquisas na área de Comunicação, este texto apresenta o percurso desenvolvido em meu projeto de tese desde o seu início (2007) até o presente momento (2009). Tenta-se elucidar o processo de contato com o objeto empírico – a revista *Vida Simples* da editora Abril – e as mudanças que as problematizações sobre ele “sofreram” durante a primeira metade do Doutorado. Aponta-se para a relação com a revista antes da entrada no curso, para como essa “relação” foi-se tornando “problemática”, e para como os incômodos dela advindos foram sendo elaborados e construídos, formalizando-se em uma proposta concreta de investigação. Finaliza-se o texto, indicando os rumos e objetivos da pesquisa, tal como vislumbrados atualmente.

Palavras-chave: Revista; Jornalismo Especializado; Qualidade de Vida.

Abstract

This paper presents the route followed in my PhD project from its beginning in 2007 until now (2009), in an attempt of contributing to other enquiries in the field of Communication Studies. The paper seeks to clarify my process of engagement with the empirical object – the magazine *Vida Simples* published by Abril Ed. – as well as the transformations through which the research problem has past since the first half of the doctorate course. It discusses the researcher’s relationship with this specific magazine before the beginning of the course, the way this “relationship” became “problematic”, and how this process led to the formalization of a concrete investigation. The paper finishes by pointing out the directions and objectives of the research as they are now conceived of.

Keywords: Magazine; Expert Journalism; Quality of life

1. “Com uma pulga atrás da orelha”...

TENHO UM PLANO

Tenho um plano

Para cada dia da semana

Para disfarçar cada engano

Cada enguiço

Preguiça

Premissa

Percalço

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

² Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, onde integra o Grupo de Pesquisa “Estudos em Jornalismo” (GPJor/Unisinos). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil. Jornalista e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: fredericombtavares@yahoo.com.br.

*Que por acaso
Me assalte
Te asfalte
Feito esmalte
Que fixa
Asfixia
Durante estes sete dias
Que se repetem por covardia*

O poema acima, da jornalista e publicitária Paula Taitelbaum, está presente em seu livro *Sem Vergonha*, publicado pela LP&M Editores. Sua presença aqui como epígrafe, no entanto, não está relacionada à leitura e apreciação dessa obra. À primeira vista, muito mais do que o conteúdo aí colocado, o destaque que lhe damos está relacionado à maneira como chegamos a ele, ao contato através de um meio que não o livro onde ele está inserido. “Tenho um Plano” está publicado na página 82 da edição de maio de 2008 da revista *Vida Simples*. E foi lá que o encontramos. Na seção que fecha a revista, intitulada “Outras Palavras”, onde, a todo mês, um poema encerra – como um *gran finale* – a cobertura jornalística materializada nas – sempre – 81 páginas que o precedem.

Um poema encerrando uma revista. A princípio, um toque de suavidade, bastante condizente com o mote da publicação – voltada para a qualidade de vida e o bem viver na sociedade e para a construção discursiva que busca traduzir e propor a seus leitores, uma *vida mais simples*. Para o leitor, sem dúvida, mais uma prova do bom gosto e da delicadeza/sofisticação que ele encontra ao longo da publicação. No entanto, olhando com um outro viés, trata-se do cruzamento, em um mesmo espaço midiático, de dois discursos – o jornalístico e o poético. Algo de certa forma diferente e que nos chamava a atenção há seis anos, nas primeiras edições da revista com as quais tivemos contato. Desde essa época, ler *Vida Simples* era um momento prazeroso, pelo conteúdo que ali estava, mas também um momento de “incômodo jornalístico”. Em meio àquela “simplificação”, alguma coisa nos sugeria uma complexidade...

Continuando com a edição aqui focada (nº 66), bom exemplo para se pensar a revista como um todo, lê-se na capa:

DINHEIRO É TEMPO. Invertemos a fórmula para mostrar que, quando você gasta mal o dinheiro, está desperdiçando o tempo e o esforço que investiu para ganhá-lo. Descubra o que é essencial para você e aprenda de vez a simplificar (e a desfrutar) a vida.

Nesta grande chamada, referente à matéria principal da revista, alguns elementos podem ser destacados. Todos eles, bastante ilustrativos de algumas “pulgas”, que insistiam em nos perseguir toda vez que líamos a revista, fazendo-nos “coçar a cabeça”.

Primeiramente, o tom do discurso. Mais que informativa, a “fala” de *Vida Simples*, incorpora uma “toada” prescritiva e profilática, o que, a nosso ver, singulariza-se em relação a outras formas jornalísticas, como o “jornalismo de serviço” e o “jornalismo de comportamento”, trabalhando com elementos dos dois, mas acrescentando a eles outros recursos, presentes, principalmente, no conjunto dos elementos que compõem a revista.

Em segundo lugar, a constante menção ao leitor. Apesar de ser essa uma característica marcante do jornalismo de revista (SCALZO, 2004; VILAS BOAS, 1996), a maneira como esse aparece no texto, sempre nos soou semelhante à forma como o discurso de auto-ajuda trata o seu sujeito³. No exemplo acima, isso é bem marcado, podendo ser notado na passagem: “Descubra o que é essencial para você e aprenda de vez a simplificar (e a desfrutar) a vida”. Essa questão está diretamente relacionada ao nosso terceiro “ponto de incômodo”: a questão visual/gráfica da publicação.

Tanto na capa, quanto em todo o seu interior, há um constante arranjo de elementos cuja composição trabalha de forma bem harmoniosa – pelo menos no que se objetiva ao leitor – com a idéia de uma simplificação, de um bem estar. Na capa aqui citada (**Figura 1**), isso também é notório. Toda em azul (fundo e tipografia), a única imagem presente é a de um picolé de cor amarelada, que lembra um picolé de fruta. Um ícone que serve de metáfora tanto para o tempo (que se gasta e que se passa, podendo “derreter-se”), quanto para a simplicidade da vida e de seu desfrutar (um picolé, sem dúvida, lembra um momento “singelo” de felicidade cotidiana...). Essa mesma fórmula (poucas cores e iconicidade) repete-se na capa de todas as edições, desde o final do primeiro ano da publicação; o que corresponde hoje a mais de 70 edições.

³ Como aponta Francisco Rüdiger (1996), a literatura de auto-ajuda ensina como conduzir a vida, a depressão, a lidar com pessoas, exercitar a sexualidade, parar de fumar, prosperar financeiramente etc. Trata-se, historicamente, de um fenômeno da indústria cultural e, ao longo dos anos, vem construindo seu próprio universo espiritual, respondendo com sucesso às demandas que levam ao seu surgimento. Os textos aí constituídos solicitam aos seus leitores, buscar, dentro de si, os recursos e a solução de seus problemas pessoais criados pela vida moderna.



Figura 1 (*Vida Simples*, Maio de 2008. Ed. 66)

Por fim, como quarto ponto, o conteúdo da revista propriamente dito. Algo que se relaciona com duas questões que nos “perturbavam”. Uma ligada ao nome da revista (o que, afinal, para o jornalismo, é uma *vida simples*? Que *vida simples* é essa?) e outra ao fato de ser uma revista especializada (afinal, o que significa ser uma “revista temática”? Por que os estudos em jornalismo pouco abordam essa “prática jornalística”? Que jornalismo especializado é esse?). Ambas diretamente associadas à trajetória da publicação, que nasce como suplemento de *SuperInteressante* (representante de um tipo de “jornalismo científico”) e posteriormente torna-se autônoma (representante de qual jornalismo?).

Essas quatro questões (“pulgas”), aqui emergidas de um exemplar recente da revista, são, certamente, válidas para uma problematização do conjunto das 77 edições de *Vida Simples* já publicadas (até março de 2009). Questões que, como enfatizamos, acompanham-nos, de maneira “incômoda”, em nossas leituras mensais da publicação.

Após esse percurso, é possível retomar o poema que abre essa introdução, justificando sua presença com outros elementos importantes, relativos ao seu conteúdo e nossa “apreciação” sobre ele. Além de estar presente em uma revista, respondendo, funcionalmente, pelo encerramento de seus conteúdos (o que acontece em toda edição da revista desde a metade do primeiro ano de sua circulação); no que diz respeito especificamente a “Tenho um plano”, dois pontos possuem relevo. A idéia de “planejamento” (como ação subjetiva) e a idéia de “tempo” (ter uma vida simplificada diz de uma certa temporalidade) perpassam *Vida Simples* e, de forma espontânea (pelo menos no início), sempre marcaram nossas indagações sobre esta “nossa” empiria.

Do ponto de vista jornalístico, pode-se dizer que a ação subjetiva e a temporalidade marcam a construção de sentido que se materializa nas páginas da revista desde a sua primeira edição, em agosto de 2002. Nos textos, nas imagens, nas composições, na eleição das temáticas. Há sempre uma voz jornalística (complementada por muitas outras) dizendo sobre alguma ação planejada para seus leitores e um tema cujo cerne está relacionado a “estes tempos que vivemos hoje em dia”.

No que diz respeito à investigação que aqui se apresenta, isso também acontece. Esse “perpassar” (sujeito – ação – temporalidade), apresenta-se concretizado em termos conceituais desde a primeira versão de nosso projeto de tese, ganhando novos traços em seu desenvolvimento. Modificou-se o objeto de estudo, o foco da problematização, mas esse pano de fundo, temporal e subjetivo, permanece. De uma mediação jornalística do *ethos* social, caminhamos – sem perder de vista o ponto de partida – para o processo de “revistação”⁴ da qualidade de vida pelo jornalismo especializado. É o que apresentamos a seguir.

2. Mediações de um *ethos* na sociedade contemporânea

O que é qualidade de vida para o jornalismo? O que significa o bem viver proposto por uma revista especializada? Que bem viver é esse? Para quem? Como? Por quê? Que jornalismo é esse? Tais perguntas, algumas já expostas acima, sempre fizeram parte da problemática que compõe nossa pesquisa.

Na primeira versão de nosso Projeto de Doutorado (TAVARES, 2007a), esses dois principais pontos – do jornalismo e da qualidade de vida – sugeriam, em seu encontro, uma indagação sobre um terceiro elemento: o *ethos*⁵ social.

Partindo do diálogo existente entre o jornalismo e a vida social, e valorizando a noção de acontecimento como referente primeiro da prática jornalística cotidiana, nós nos perguntávamos, ao olhar para *Vida Simples*: o que acontece quando o jornalismo não se volta para um acontecimento pontual, para um fato extraordinário, mas para certos temas⁶ da e na sociedade? Uma indagação que percebia aquele jornalismo (uma revista) voltado não para acontecimentos factuais propriamente ditos, mas para os

⁴ Trataremos dessa idéia posteriormente.

⁵ Como nos relembra Clifford Geertz, o termo *ethos* resume os aspectos morais (e estéticos) e os elementos valorativos de uma dada cultura. “O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete” (GEERTZ, 1989, p. 93).

⁶ Já nesse primeiro projeto, chamamos esses mesmos temas de “acontecimentos invisíveis”, entendendo que a temática da revista poderia ser pensada, no diálogo com as “Teorias do Jornalismo”, pela noção de acontecimento.

valores, os hábitos, os costumes, comportamentos e sentimentos que compõem a sociedade contemporânea.

No contexto jornalístico brasileiro, ainda observávamos (em bancas de revista e no contato com consumidores de publicações periódicas) o crescimento de um nicho editorial específico (tanto no mercado do jornal impresso diário, quanto no mercado do jornalismo de revista): o do jornalismo especializado, voltado para o tema da qualidade de vida na sociedade⁷.

Neste cenário, alguns exemplos nos chamavam a atenção: o suplemento “Folha Equilíbrio” da *Folha de S. Paulo*, o caderno “Bem Viver”, voltado para a busca do equilíbrio (mental, profissional, afetivo) daqueles que habitam o meio urbano⁸, publicado pelo jornal *Estado de Minas* e, no mercado das revistas, a revista *Bons Fluidos* e a própria *Vida Simples* (ambas da Ed. Abril). Outros exemplos ainda estavam (e estão) nas publicações voltadas para os cuidados com o corpo e com a saúde.

Tais periódicos ou suplementos, cujo gênero se aproxima, apresentam-se voltados, de alguma forma, para um foco de “preocupação” que reflete certos parâmetros sociais e formas de se perceber a sociedade, bem como de nela se habitar, realizando uma leitura dos “problemas” que cercam o mundo atual e indicando várias maneiras de lidar com isso.

Nesse contexto, nosso ponto de vista girava em torno da idéia de que em tais publicações, mais que delimitada uma relação do jornalismo com certo segmento de público, estaria representada uma peculiar relação entre o jornalismo e a sociedade, principalmente no que diz respeito às maneiras do primeiro lidar com a segunda. Uma espécie de “jornalismo de auto-ajuda” parecia se formar e, ao mesmo tempo, certo conjunto de valores e práticas ganhava relevância e visibilidade, deixando escapar, de alguma forma, uma diferente leitura jornalística, especializada, sobre a (ou sobre uma) sociedade.

Mas, é diferente ler um livro de auto-ajuda e ler uma revista cuja temática, *a priori*, e de alguma forma, seria a mesma. Nesta relação passam a operar outros

⁷ Esse mapeamento contextual foi responsável também por “apontar-nos” algumas referências teóricas. Através do contato com tais observações, começamos a buscar autores cujas análises estavam voltadas para uma leitura da sociedade hodierna e suas características. Principalmente aquelas que tangenciavam as temáticas observadas nos produtos midiáticos e nas falas das pessoas.

⁸ No universo televisivo, outros exemplos poderiam ser citados: os programas vespertinos que aliam jornalismo e entretenimento e também programas como *Globo Repórter* (Rede Globo) e *Repórter Record* (Rede Record) que, naquela época e hoje, realizam, com certa frequência, reportagens sobre o tema da qualidade de vida e do bem-estar.

elementos como uma periodicidade, uma fidelidade leitora, uma credibilidade jornalística, um determinado tipo de texto, uma nova relação entre sujeitos. Deixa de existir um autor, mas passa a existir, antes dele, ou à sua frente, uma publicação. Por detrás dessa lógica, é que nossos dois primeiros pontos de partida (o jornalismo e a qualidade de vida) nos levaram para um questionamento mais amplo cujo principal eixo apresentava-se naquilo que tomávamos como nosso objeto de estudo: de que maneira o jornalismo atua na mediação de um *ethos* social na contemporaneidade?

A idéia da “mediação do *ethos*”, resultado do tensionamento entre jornalismo e qualidade de vida, estava envolvida por alguns eixos que constituíam a leitura que realizamos dos mesmos.

O primeiro deles dizia respeito à cobertura jornalística do não-factual, de temas – no nosso caso, a qualidade de vida. A primazia da tríade “fato-acontecimento-notícia” nos estudos em jornalismo, ao mesmo tempo em que nos permitia pensar o tipo de informação gerada pela publicação que buscávamos estudar, fazia-nos questionar o que haveria de específico na mesma, bem como qual prática jornalística estaria relacionada àquela cobertura temática que ela se propunha a realizar sobre a realidade⁹. Tal movimento, à época, indicou-nos uma aproximação entre as noções de jornalismo, cultura e sociedade¹⁰, de onde chegamos à idéia de uma mediação realizada pelo jornalismo no tratamento de seus temas e no processo comunicativo por ele proposto.

Nossa pesquisa, ao propor estudar o jornalismo especializado, busca investigar certos “acontecimentos invisíveis” que permeiam a sociedade e que são fundamentais em sua constituição. Mais que isso, buscamos estudar a relação do jornalismo com a cultura sabendo que, nesse diálogo, está presente uma relação direta em que mídia e sociedade são lidas e re-lidas uma pela outra, configurando aí um processo de mediação (TAVARES, 2007a).

O conceito de mediação empregado dizia respeito a uma prática midiática de captação da realidade, transmitindo-a a partir de um processo de produção próprio, sem fugir da idéia de interação comunicativa que a envolve. A mediação estava vista como

⁹ Uma questão importante dizia respeito também a certa escassez de estudos voltados para a revista como produto conformador de uma prática e de um tipo de jornalismo.

¹⁰ Por meio do primeiro contato com as revistas, nós nos perguntávamos sobre as relações (jornalismo, cultura e sociedade) daí advindas, e sobre a maneira como as mesmas se materializavam, principalmente nos discursos que aí se encontravam. Duas idéias nos embasavam: a de que a mídia hoje está intimamente ligada à construção da tessitura da experiência social; e a de que o jornalismo, aí incorporado, não escapa desse processo.

um processo socialmente contextualizado, inserido numa lógica comunicativa mais ampla, lidando com diversos âmbitos de produção, recepção e de relação entre ambos.

Esse processo mais amplo estava também ligado à qualidade de vida (tema da revista) e à maneira como ela estava abordada no projeto. Desde a primeira versão da proposta de investigação, temos tomado essa temática com base em dois pontos centrais: 1) seu significado e elementos e 2) aquilo que seria o seu contrário.

A idéia de qualidade de vida tratada pelos produtos jornalísticos reflete certo padrão/estilo de vida, cujo principal foco está na harmonia do “ser” e “estar” dos objetos e sujeitos. Propõe-se, majoritariamente, que a qualidade de vida esteja relacionada a uma ordem, a uma “calmaria”, à solução do que seja destoante ou anormal. Algo que estaria relacionado às características da nossa sociedade, onde uma busca constante pelo bem-estar pautaria a ação, os hábitos e os valores dos sujeitos. Seja por questões propriamente materiais, seja por questões espirituais, afetivas, psicológicas. O contrário desse contexto estaria em fases ou momentos de crise, coletivas ou individuais, cuja ocorrência estaria ligada aos acontecimentos e transformações propriamente conjunturais que envolveriam a sociedade.

Nesse aspecto, algumas noções importantes trazidas para o projeto (e que ainda hoje permanecem em sua atual versão) estão ligadas a autores, principalmente das Ciências Sociais e da Filosofia¹¹, cujas reflexões tratam das crises e modificações que permeiam subjetiva e intersubjetivamente a sociedade desde a modernidade. Algumas noções como *identidade*, *sistemas peritos*, *reflexividade* e o papel na mídia, foram trabalhadas e trazidas para se pensar, mais especificamente, o jornalismo e aquele jornalismo de revista especializada para o qual nosso olhar estava voltado. O que o jornalismo “estaria fazendo” nessa “sociedade em crise”?

No cruzamento das questões daí levantadas, aliadas a uma reflexão sobre a literatura de auto-ajuda, chegamos à perspectiva de que, entre a qualidade de vida (relacionada a aspectos conjunturais) e o jornalismo (especializado e não factual) um determinado *ethos* social parecia emergir. E entender como o mesmo era mediado pelo jornalismo, ia ao encontro de nossas inquietações sobre *Vida Simples* (que jornalismo é esse? e que vida simples é essa?).

¹¹ Sobre a sociedade atual e suas configurações ver: BAUMAN (1998, 2001, 2007a, 2007b); GIDDENS (1991, 2002); RÚDIGER (1996).

Desta primeira construção, no contato com os textos em sala de aula, com os debates realizados com colegas, professores e orientadora, começamos a adentrar em alguns aspectos que já apareciam no projeto. E, à medida que esses, antes secundários ou até “escondidos”, passaram a ganhar relevo, novas perspectivas para a pesquisa foram surgindo e sendo adequadas.

Podemos dizer que muita coisa não foi abandonada. O que mudou foi o seu papel dentro da construção da investigação. Uma transição que foi acontecendo ao longo do nosso primeiro ano de curso (2007) e que, neste momento (2009), indica uma outra configuração da pesquisa. O objeto de estudo de nossa tese, hoje, podemos dizer, aparece voltado para uma investigação que releva aspectos mais jornalísticos do que aspectos propriamente culturais.

3. O objeto em transição

No primeiro ano de curso do Doutorado, podemos destacar três grandes movimentos em direção ao objeto, que contribuíram, pensamos, para sua configuração atual.

O primeiro deles diz respeito à contextualização de nosso objeto frente a estudos existentes sobre sua temática ou empiria. No primeiro semestre de 2007, realizamos um levantamento sobre trabalhos (teses, dissertações, livros e artigos científicos em anais de congressos) que tinham como foco de estudo a revista. Dos números alcançados (a partir dos títulos dos trabalhos) conseguimos mapear os principais temas tratados, as principais publicações e as áreas de origem dos estudos. De posse desses dados, realizamos uma visada aleatória em alguns trabalhos (tanto em resumos quanto em versões completas) e um eixo interessante apareceu: tais estudos, com frequência, partem de “lugares científicos” não propriamente comunicacionais (ou jornalísticos) e tomam o produto muito mais como lugar de emergência de um objeto do que como um objeto ele mesmo¹².

Assim, esse primeiro levantamento foi propício não apenas para identificar e conhecer os percursos teórico-metodológicos de alguns trabalhos, mas também para nos chamar a atenção para um aspecto presente em nosso trabalho, permitindo-nos dar-lhe maior importância: a vontade (e necessidade) ao longo de nossa pesquisa de pensar “a revista por ela mesma”. O que seria próprio da revista; como isso conforma e configura

¹² A revista está presente em estudos que vão “passar” da área de Comunicação à de Nutrição, aparecendo com destaque também em áreas afins a esta primeira como a História e a Linguística (Ver TAVARES, 2007b).

uma prática jornalística específica, gerando-lhe uma circularidade singular de elementos; quais as diferentes revistas existentes e quais as diferenças entre elas; e, o principal, como isso nos permitiria entender a “nossa” revista, *Vida Simples*.

Desse passo inicial, que hoje incide diretamente sobre o nosso problema de pesquisa, passamos a outros dois movimentos, bastante relacionados. Primeiramente, à compreensão histórica deste meio.

Fomos em busca de textos e pesquisas que nos auxiliassem a compreender o desenvolvimento da revista ao longo dos anos, a fim de entender seu imbricamento com três aspectos específicos e que serão marcantes do jornalismo por ela realizado: sua relação com aspectos sociais, culturais e técnico/tecnológicos. Dessa busca, alguns pontos ganharam destaque.

Em síntese, pode-se dizer que as revistas construíram ao longo do tempo um fazer jornalístico específico, especializando-se em grandes temáticas (revistas especializadas) e em análises de temas e acontecimentos do cotidiano (revistas semanais, principalmente). Além disso, buscaram falar para fatias específicas de mercado, com padrões e interesses culturais mais delimitados.

Em segundo lugar, avançamos em direção às caracterizações da revista como meio de comunicação, pretendendo olhá-la do ponto de vista de suas especificidades frente a outros produtos impressos propriamente jornalísticos. Nesse sentido, iniciamos uma busca pela compreensão da revista em suas processualidades e ambiências, observando, já em *Vida Simples*, suas operações e estratégias de “captação” de uma temática específica – a da qualidade de vida.

Em tal contexto, observamos (TAVARES, 2008a) algumas questões importantes e co-determinadas, diretamente responsáveis pela lógica de seus processos internos e externos: o espaço social de onde ela emerge¹³, o espaço discursivo por ela construído e o espaço material no qual se inscreve; as temporalidades de seus conteúdos, de seus leitores e de sua produção; seus aspectos discursivos (tanto os propriamente textuais, quanto os visuais/gráficos).

Das inferências e dessas primeiras descobertas, sem querer generalizar alguns aspectos que são próprios de *Vida Simples* para o meio revista, um primeiro contexto se

¹³ “Así como el tiempo está entretejido con las acciones y los significados humanos, de igual modo el espacio no actúa meramente como transfondo indiferenciado de la interacción humana, sino que es creado socialmente y modificado por tal actividad” (STEVENSON, 1998, p. 197).

confirmou/evidenciou: a dimensão social da revista (cujo ponto de partida está em sua temática)¹⁴, condicionadora de processos interacionais, está relacionada à materialidade e temporalidade que perpassam a publicação, assim como também às formas e aos sentidos (dos textos) por ela configurados. Desse modo, “ver” *Vida Simples*, em seus agenciamentos e contextos, possibilitou-nos perceber, de alguma forma, como os arranjos da revista reatualizam e sofisticam o “bem viver” na e para a sociedade e apontou alguns conceitos e contextos muito válidos para a reconfiguração da pesquisa.

Desses dois grandes movimentos que “sintetizam” o primeiro ano da pesquisa, dois aspectos valem ser ressaltados. 1) No que diz respeito à primeira versão de nosso projeto, aspectos propriamente jornalísticos e contextuais do objeto ganharam relevância, redimensionando a importância de um dos conceitos-chave anteriores, o conceito de *ethos*. Esse não se perdeu, mas buscar sua estruturação propriamente dita, como poderia sugerir a primeira versão da proposta de investigação, deixou de ser o principal. 2) Além disso, mais que perceber uma mediação entre o jornalismo e a qualidade de vida, ao se relevar a revista e suas particularidades, o foco passou a caminhar para a compreensão de um movimento recíproco existente entre o jornalismo especializado de revista e uma temática por ele trabalhada.

4. A “revistação” do bem viver

A busca pelo aprofundamento das características da revista, tanto como objeto de estudo, quanto como produto jornalístico esteve acompanhada, indiretamente, por outras duas noções que, como já dito, “estão conosco” desde o início da pesquisa: a de “acontecimento” e a de “jornalismo especializado”. Por meio do contato com a revista e das primeiras sistematizações frente ao objeto empírico, uma idéia apontada na primeira versão do projeto, a de “acontecimentos invisíveis”, tornou-se central para pensar a qualidade de vida, assim como a necessidade de se pensar a revista no campo do que se poderia chamar de jornalismo especializado.

Observando a maneira como se abordava a qualidade de vida, um aspecto importante mostrou-se recorrente: a idéia de bem viver como algo próprio “do nosso tempo”, ou como algo que deve ser “praticado e buscado no dia-a-dia”. Tal evidência, que já fazia parte de nossas “suspeitas” sobre a revista, passou a nos indicar como, de maneira mais precisa, a temática da qualidade de vida também era (é) vista pela revista como algo

¹⁴ Associando aqui a qualidade de vida a uma conjuntura social, tal como apontado anteriormente.

que acontece e que, por isso, solicita a ela um tipo diferenciado de jornalismo. O que, retomando o poema do início deste texto, aponta para os “planos” e os “tempos”, a ação subjetiva (solicitada e pensada discursivamente) e a temporalidade (orientadora do olhar editorial sobre uma vida simples em nossa sociedade).

De tal observação, dos “temas que acontecem”, começamos a pensar também que, ao dirigir-se a um grupo de indivíduos, elegendo um tópico que perpassa a coletividade social, que diz respeito às maneiras “gerais” de se portar e viver no mundo, *Vida Simples* ultrapassa a idéia de tematização apenas como “la selección de un tema y su colocación en el centro de la atención pública” (ALSINA, 1989, p. 77 *apud* QUESADA PÉREZ, 1998, p. 135). O jornalismo por ela gerado, a nosso ver, mistura interpretação, serviço, investigação, prescrição, e diz não só de algo que acontece, mas como lidar com esse acontecimento. Um acontecimento que corresponderia a uma sucessão de fatos, a um estado de espírito, a um comportamento, e não propriamente a algo pontual, factual.

Do ponto de vista da segmentação, isso vai também, como aponta Maria Celeste Mira, ao encontro de uma lógica mercadológica: “[...] um dos fatores que faz que o mercado tenha que se empenhar cada vez mais em cada grupo de indivíduos capazes de formar um segmento é esse processo de demarcação das diferenças sociais, que já pode ser considerado de longa duração” (MIRA, 2004, p.252). Pode-se dizer que o jornalismo aí conformado, portanto, estaria diretamente ligado à especificidade de seu público (mais letrado e com maior poder aquisitivo).

Mas, além disso, do ponto de vista conceitual, em *Vida Simples*, esse mesmo fenômeno de longa duração, coloca em evidência, de outro lado, a longa duração dos “acontecimentos que constituem a qualidade de vida” e que, se “invisíveis” do ponto de vista da lógica jornalística canônica, valem, assim, ser tensionados com relação ao jornalismo especializado (TAVARES, 2008b).

Nesse sentido, uma investida importante no segundo ano da pesquisa (2008), disse respeito às nossas leituras sobre o Jornalismo Especializado. Que jornalismo é esse? Como pensar *Vida Simples* em seu contexto?

Assim como o jornalismo de revista, poucos ainda são os estudos sobre o Jornalismo Especializado. Se nas chamadas “Teorias do Jornalismo” possui-se hoje um determinado patrimônio reflexivo, o mesmo ainda não se pode dizer deste lugar específico – especializado – do jornalismo. Pelo menos não do ponto de vista de um

objeto de estudo pontual – assim como acontece com a notícia, no caso do jornalismo cotidiano. No entanto, tensionando o “lugar geral” de onde fala o jornalismo especializado¹⁵, é possível pensar a revista, a qualidade de vida e as questões acima apontadas na construção do nosso objeto.

5. O que significa a qualidade de vida proposta pelo jornalismo especializado de revista e como essa aciona o jornalismo que para ela e sobre ela se realiza?

Se classificada no contexto jornalístico, *Vida Simples* pode ser dita como um tipo de mídia que pratica um jornalismo voltado para um tema e um público específicos. Uma classificação que vai ao encontro do eixo comum daquele que seria, segundo Montserrat Quesada Pérez (1998), o “jornalismo especializado”: conteúdos temáticos, setores da audiência e veículos de comunicação.

O encontro desses três elementos, como aponta a autora, configura uma tríplice especialização que, permeada por características do jornalismo diário, permite pensar esse conceito/ prática jornalísticos.

Nesse contexto, é possível afirmar que dois movimentos implícitos tornam-se visíveis: 1) o de reconhecimento e identificação de cada um desses elementos e 2) a maneira como os mesmos se cruzam, em uma dinâmica de co-determinação (um atuando sobre o outro).

No caso do jornalismo de revista, ter-se-ia, portanto, a necessidade de se pensar – separadamente e em fluxo – o que seria próprio de sua “revistação”¹⁶: as características do veículo, qual público é pensado e como o mesmo se encontra na e pela publicação, e qual tema orienta a especialização por ela proposta.

¹⁵ Ver: TAVARES, 2008b.

¹⁶ O neologismo aqui criado busca referir-se àquilo que poderia caracterizar-se como próprio da revista enquanto meio de comunicação. A “revistação” como aquilo que faz a revista (revista + ação – em sentido substantivado), e o “revistativo”, como aquilo que referir-se-ia a uma qualidade do “ser revista” (em sentido adjetivado). Dessa forma, o “jornalismo revistativo” diria de um jornalismo de revista, assim como o “televisivo” diz respeito àquele jornalismo praticado na/pela televisão.

A professora Maria Pilar Diezhandino (1994) chega a utilizar o termo “magazinización” para referir-se ao fenômeno de surgimento na imprensa diária de suplementos “com cara de revista”, a fim de concorrerem com as revistas de informação especializada. Apesar de pensar a “revistação” como algo próprio da revista e de não termos nos inspirado na tipologia evocada por Diezhandino – que pensa o fenômeno como vindo de outro lugar, os jornais diários –, vale aqui ressaltar a reflexão da professora.

Tal nomenclatura faz-se necessária, pois, pensamos que, ao se lidar com a revista, um suporte impresso, torna-se preciso diferenciar – nominalmente – o jornalismo que nela se faz dos outros que também se encontram materializados em impressão.

Compartilhando com Régis Debray (1993) da ideia de que a matéria e o utensílio nela utilizado modificam o espírito do traçado, há que se considerar ainda, no caso de suportes jornalísticos, como matéria e utensílio marcam e são marcados por uma prática jornalística específica, interpenetrando-se.

Tal necessidade, se associada aos aspectos até aqui levantados, permitem pensar a configuração atual de nosso objeto de estudo.

Retomando os pontos principais desse percurso, esses podem ser assim sintetizados:

- a qualidade de vida como referente do jornalismo de *Vida Simples* e configurada por uma conjuntura mais ampla de acontecimentos na sociedade;
- o jornalismo especializado de revista frente a outras produções jornalísticas impressas;
- a revista como meio de comunicação, seus principais elementos e características.

Na união desses aspectos principais, tangenciados por aspectos concretos da revista e pelo diálogo entre jornalismo e vida social aí contemplado, nossas duas principais inquietações – o jornalismo e a qualidade de vida – ganharam um novo caráter.

Partindo hoje da idéia de que ao eleger um tema específico o jornalismo assume um caráter singular (num processo de incidências mútuas), buscamos em nossa pesquisa refletir sobre os arranjos e as determinações que ocorrem entre uma revista e um tema. Algo que extrapola, ou destoa de lógicas outras do jornalismo impresso, principalmente as do jornal diário (bastante estudadas e, muitas vezes, apontadas como “metonímia suficiente” para se pensarem as práticas de jornalismo).

Mais que isso, queremos refletir, a partir de *Vida Simples*, sobre o processo de “revistação” ocorrido no encontro da temática do bem viver na sociedade com o jornalismo especializado de revista.

Sem perder de vista o significado da qualidade de vida aí construído, tencionamos perceber como a prática do jornalismo especializado desta revista aborda o tema do bem-estar (ao mesmo tempo em que é afetada por ele), relevando o que há de “revistativo” (como algo próprio de revista) nesse processo.

Cruzando (e buscando compreender) três âmbitos principais – o da prática, do tema e do suporte – buscamos analisar o veículo (suas formas e seções), valorizando sua materialidade, discursividade (texto, imagens e composição) e seus conteúdos (temática e público representado); problematizando questões específicas inauguradas pela dinâmica instaurada na cobertura especializada por ele proposta. Do bem viver “revistado”, pretendemos configurar um olhar global (em processo e em conjunto) que nos permita responder, de alguma forma, a um questionamento central, traduzido na pergunta-título que abre esta seção, e através da qual, novamente, encerramos este texto:

O que significa a qualidade de vida proposta pelo jornalismo especializado de revista e como essa aciona o jornalismo que para ela e sobre ela se realiza?

6. Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós, 1989 *apud* QUESADA PÉREZ, Montserrat. *Periodismo Especializado*. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 1998.

ALSINA, Miquel Rodrigo. *La construcción de la noticia*. Ed. Rev. Ampl. Paidós: Barcelona, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida de Consumo*. Madrid, Fondo de Cultura Económica, 2007b.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007c.

BERGANZA CONDE, Maria Rosa. *Periodismo Especializado*. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 2005.

CHAGAS, Arnaldo. *A ilusão no discurso de auto-ajuda e o sintoma social*. 2. ed. rev. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001.

CHAGAS, Arnaldo. *O sujeito imaginário no discurso de auto-ajuda*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.

DEBRAY, Régis. A dinâmica do suporte. In: DEBRAY, Régis. *Curso de Midiologia Geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.p. 205 – 240.

DIEZHANDINO, Maria Pilar. *Periodismo de Servicio*. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1994.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

MIRA, Maria Celeste. Cultura e Segmentação: um olhar através das revistas. In: SILVA, Ana Amélia da; CHAIA, Miguel (Orgs.). *Sociedade, cultura e política: ensaios críticos*. São Paulo: EDUC, 2004. p. 246-259.

QUESADA PÉREZ, Montserrat. *Periodismo Especializado*. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 1998.

RÜDIGER, Francisco. *Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

STEVENSON, Nick. *Culturas mediáticas, teoría social y comunicación masiva*. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. *Jornalismo Especializado e Vida Simples: complexidades na relação revista e qualidade de vida*. (Projeto de Pesquisa). Doutorado em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Unisinos, 2007a.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. *Jornalismo de Revista: entre o objeto e o dispositivo*. In: Anais do IX Seminário Internacional de Comunicação. Porto Alegre: PUC-RS. 2007b. 16 f. (CD-ROM).

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. *Vida Simples: agenciamentos entre jornalismo e qualidade de vida*. São Leopoldo: UNISINOS - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2008a. (Ensaio). 21 f.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. *Revista e Vida Simples: complexidades na relação jornalismo e qualidade de vida*. São Leopoldo: UNISINOS - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2008b. (Relatório de Qualificação de Doutorado). 166 f.

VILAS BOAS, Sérgio. *O Estilo Magazine: o texto em revista*. São Paulo: Ed. Summus, 1996.